



SESSÃO - 02

15. O ANTICLERICALISMO DO JORNAL A LANTERNA - MÍDIA ALTERNATIVA NA ERA VARGAS

*Maria Emilia Martins Pinto**

Resumo

Este trabalho pretende analisar o jornal anarquista de cunho anticlerical *A Lanterna*, como um exemplo de mídia alternativa no governo de Getúlio Vargas em meio ao contexto histórico da década de 30 no Brasil. Resgatando seus atores sociais, análise das charges utilizadas e os possíveis impactos causados pela sua peculiar característica de combate ao clericalismo. Esta apresentação faz parte da pesquisa iniciada como trabalho de conclusão do curso Pós-Graduação Latu Sensu: História, Sociedade e Cultura, da PUC – SP, e que darei continuidade no mestrado.

Palavras-chave: Jornal; anarquismo; anticlericalismo; charge

Abstract

This assignment intends to analyze the clerical character anarchist newspaper *The Lantern* as a sample of alternative media in Getúlio Vargas' government, around the historic context in the thirties in Brazil. Recovering its social actors, charges analyzes and possible impacts caused for its peculiar characteristic: Fight the clericalism. This presentation takes part in a research started as a Post Graduation assignment (Latu Sensu): History, Society and Culture from PUC – SP, and I'm going to continue with it in my master's degree.

Keywords: Newspaper; anarchism; anticlericalism; charge

* Pós-Graduada (Latu Sensu) – História, Sociedade e Cultura – PUC – Professora de História da Rede Pública de Ensino do Estado de São Paulo.



O jornal *A Lanterna*, surgiu em 07 de março de 1901 e era dirigido por Benjamin Mota, produziu sessenta números e parou em 1904, em 1909 reiniciou suas publicações sob a direção de Edgard Leuenroth que produziu mais 293 exemplares até 1916, só em 1933 sua impressão foi retomada e perdurou até 1935¹. Nesta terceira fase *d'A Lanterna* são lançados outros 48 exemplares. O presente trabalho concentra-se nesta última fase do jornal,² muito embora as análises encontram-se ainda em um momento inicial.

A sede do jornal era em São Paulo, no período que se estende de 1933 a 1935. Situava-se na rua: Senador Feijó, 8B, bem no centro da cidade, onde se concentrava a maioria das redações dos jornais de São Paulo da época. Seu editor Edgar Leuenroth foi considerado por muitos, o mais famoso editor anarquista começou em 1899, com *A Folha do Brás* e que redigiu além *d'A Lanterna*, *Terra Livre* (1905), *Folha do Povo* (1908), *A Vanguarda* (1911), e *A Plebe* (1917), este último surge no calor da greve geral de 1917 na cidade de São Paulo.

Edgar Leuenroth foi gráfico, profissão que na época também era conhecida como tipógrafo, tornou-se jornalista, fato este comum entre os operários gráficos desde a década de 20.³

Natural de Mogi Mirim (SP), tipógrafo de São Paulo. Nos primeiros anos do século XX, organizou diversas agremiações de trabalhadores, principalmente ligados à imprensa. Militante na imprensa operária e anarquista lutou pelos ideais libertários e colaborou para a preservação da memória dos movimentos populares no Brasil.⁴

Nota-se nos jornais até aquela época, ligados ao seguimento anarquista ou não, a inexistência da profissão de repórter. As informações e denúncias eram enviadas para o jornal, por colaboradores. Esta característica foi analisada por Maria Nazareth Ferreira na imprensa operária na década de 20:

Não existia a figura do repórter, do profissional da notícia. Ao invés de o jornal procurar a notícia, esta é que procura o jornal. As salas de redação recebiam farto material sobre o movimento operário e notícias afins, o que demonstra uma relação integrada entre o jornal e o leitor.⁵

Entre indas e vindas *d'A Lanterna*, a terceira fase do jornal foi produzida no começo do governo de Getúlio Vargas, neste período, o Brasil passava por outros tantos rearranjos políticos, econômicos e sociais, diferentemente das mudanças já ocorridas no país na chamada República Velha, onde os imigrantes, anarquistas e operários estavam começando a formar sua identidade dentro de um cotidiano urbano⁶.

A Lanterna surge como um jornal alternativo, não por ser um jornal de





ideários anarquista, aliás, no pós-golpe de 30 havia intensa produção de jornais anarquistas⁷, mas como um instrumento social, em nenhum dos seus 48 exemplares existe um artigo se quer falando sobre ou do governo de Getúlio Vargas, seu foco e visão anárquica concentram-se na Influência da Igreja Católica no Estado e na sociedade. Foi principalmente, mas não somente, um porta voz das ligas anticlericais que haviam por todo o país.

Na história brasileira os frequentes “alternativos” seriam os jornais que se oporiam ou se desviariam das tendências hegemônicas na imprensa convencional brasileira⁸

Para a construção da análise deste jornal, além dos fichamentos dos artigos, estou estabelecendo diálogos possíveis com outras fontes: prontuários do Deops-SP, e para a fundamentação do trabalho: historiadores que privilegiem a Nova História, jornalistas e linguistas afinados com as diversas temáticas que possam dar voz ao jornal.

Nesta primeira fase de leitura, pesquisa e fichamento dos exemplares foram levantadas as seguintes indagações: Por que existiam tantas ligas anticlericais no Brasil? Qual era a função social das ligas? Como eram as articulações destes agentes sociais com o jornal e a sociedade? Neste sentido o olhar lançado sobre o jornal segue uma linha de análise que privilegia a história social e cultural.

Partindo destes pressupostos, não seria possível compreender a quantidade de ligas anticlericais no país sem antes entender o que acontecia no Brasil. Getúlio Vargas chega ao poder pelas mãos das oligarquias regionais vitoriosas e pelo movimento tenentista, mas, uma importante base de apoio de seu governo foi sem dúvida a Igreja Católica, não será por acaso que a inauguração da estátua do Cristo Redentor no Corcovado, foi em 1931. De acordo com Boris Fausto:

A Igreja levou a massa da população católica a apoiar o novo governo. Este, em troca, tomou medidas importantes em seu favor, destacando-se um decreto, de abril de 1931, que permitiu o ensino da religião nas escolas públicas.⁹

É por esta época também que o sistema de ensino brasileiro é repensado, correntes de influência católica e dos chamados reformadores liberais, misturaram-se em valores hierárquicos e conservadores que vão confluir para a formação do sistema de ensino brasileiro.¹⁰ Aliás, o ensino da religião nas escolas públicas é tema de discussões até hoje.

Em 1934 foi aprovada a Constituição que incorporou o ensino religioso nas escolas públicas de frequência facultativa, sendo aberto a todas as confissões e não apenas à católica.

A Lanterna critica este fato em um artigo intitulado: *O ensino religioso nas escolas*¹¹. Questionava qual religião deveria





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

ser ensinada em sala de aula, sabendo-se que no Brasil existem outras religiões além da católica - protestantes, espíritas, livres pensadores, etc. Pergunta o artigo, fariam os professores, curso de teologia, ocultismo, etc, para poder ministrar aulas?

É neste período também que surge os Ministérios do Trabalho, Educação e Saúde, institucionalizando através do controle do Estado uma ordem social a ser seguida pelos cidadãos, e a partir da Constituição a segurança nacional passou a ser examinada pelo Conselho Superior de Segurança Nacional.

Também, não podemos deixar de lembrar que uma série de greves marcou o ano de 1934, além de constantes choques entre antifascistas e integralistas em São Paulo.¹²

Em abril de 1935 foi aprovada a lei de Segurança Nacional, daí para a ditadura Getulista foi um passo, mais precisamente dois anos.

A lei definiu os crimes contra a ordem política e social, incluindo entre eles: a greve de funcionários públicos; a provocação de animosidade nas classes armadas; a incitação de ódio entre as classes sociais; a propaganda subversiva; a organização de associações ou partidos com o objetivo de subverter a ordem política ou social, por meios não permitidos em lei¹³

nal, instauração de inquéritos policiais, e implantação do Estado Novo, que coibiu cada vez mais a produção de diversos jornais, bem como as dificuldades de ordem financeiras pelas quais passava o jornal em 1935, em sua terceira fase A Lanterna chega ao fim.

A produção midiática anarquista revelava-se como uma alternativa de cultura autônoma que se contrapunha ao controle que o Estado Varguista ensaiava estabelecer sobre os trabalhadores no início dos anos 30.¹⁴

Por todo território brasileiro pululavam ligas anticlericais: No Maranhão a Liga anticlerical Maranhense lança o seu programa de luta ativa.¹⁵

O termo anticlericalismo, a partir de 1850, veio justificar e sustentar uma tendência à laicização do Estado e da sociedade, dos costumes e da mentalidade. Este vocábulo serviu para designar o conjunto de idéias e comportamentos contra a tendência do poder eclesiástico para dominar o âmbito da sociedade civil e do Estado.¹⁶

Para os anarquistas, a vida não deveria ser codificada nem pela Igreja, nem pelo Estado e nem pela ciência. Ao contrário, a vida em sociedade deveria ser construída pelo desejo de todos, pela livre manifestação da vontade individual e coletiva, e pela participação direta de todos na escolha e definição de seus próprios rumos.¹⁷

Com a Lei de Segurança Nacio-

O ideário anarquista engloba um





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

conjunto de princípios e métodos que tem por intuito preparar os elementos necessários para substituir o regime capitalista pela organização libertária da sociedade.¹⁸

Sabe-se que, para os anarquistas, o esclarecimento do homem comum nunca foi uma questão de doutrinação sistemática. Na verdade, a ação intelectual anarquista, embora assumindo um compromisso essencial com a libertação espiritual do povo, não se dirigia à massa em abstrato, nos termos em que o propunham aqueles que pretendiam governá-la, como disse certa vez o teatrólogo Neno Vasco. Bem, ao contrário distanciava-se disso, dirigir-se concretamente aos indivíduos tomados cada um em sua circunstância, com vista a formar consciência, despertar energias, ordenar vontades e sobretudo desenvolver a solidariedade.¹⁹

A Lanterna tinha o claro propósito de criticar os desmandos da Igreja, servia como instrumento de divulgação das ligas anticlericais por todo o Brasil, e mantinha contatos com ligas anticlericais de outros países²⁰, apesar de serem as principais colaboradoras, outras organizações sociais também simpatizavam com o ideário anticlerical: associações juvenis, coligações pró-Estado leigo, centro de culturas sociais e livres pensadores como a maçonaria.

O jornal proporciona conhecer a formação, constituição e intenções das ligas, que promoviam encontros e debates sobre o anticlericalismo, estes aspectos das ligas por hora encontram-se na fase

de aprofundamento das pesquisas cruzando informações com os prontuários do DEOPS – SP que se encontram no Arquivo do Estado.

Foi possível perceber, através dos fichamentos, quem eram alguns dos atores sociais que abraçavam a causa anticlerical sem estar necessariamente vinculados a nenhuma entidade: militares, profissionais liberais, operários, muitas vezes estes membros da sociedade escreviam para o jornal, indignados com as atitudes da Igreja.

Neste sentido *A Lanterna* revelase como uma via de protesto não só para os grupos que faziam parte das ligas e libertários, mas também um instrumento para aqueles que não viam com bons olhos a participação da Igreja na formação do Estado.

Outro elemento recorrente em todos os quarenta e oito exemplares e que deve ser analisado com mais atenção, são charges, dando caráter próprio ao jornal.

No caso da prática libertária, a imagem tinha papel privilegiado ao construir-se no plano do discurso e das gravuras, buscando abordar o ser humano em suas várias dimensões sensíveis. Utilizava-se a imagem como arma para a difusão de seus valores no meio operário, travando-se uma luta contra os estereótipos depreciativos produzidos pelo Estado e pela grande imprensa.²¹



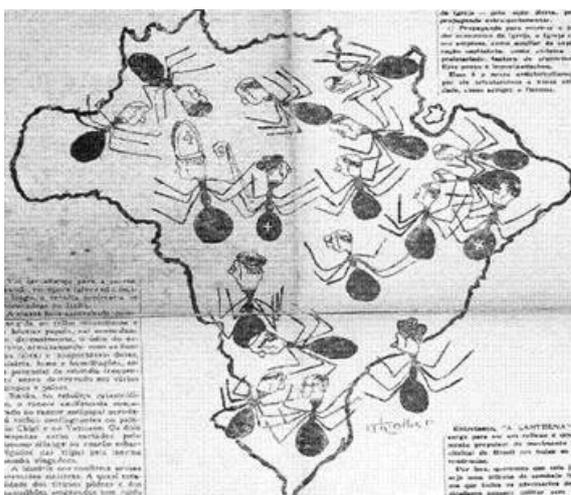


Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas



A Lanterna, São Paulo, 07 de março de 1935, nº 387, p.1.

A Lanterna lança mão deste recurso comum na prática libertária, mas em todas as charges a temática é anticlericalismo, ora de ataque direto a Igreja Católica, ora vinculando a Igreja ao Estado²². Não foi possível, até este estágio da análise, estabelecer uma relação direta do texto com a imagem.



A Lanterna, São Paulo, 13-7-1933, nº 354 p.1

Os artigos não estavam lá para justificar a charge, emprego muito comum nos jornais de hoje, estabelecemos geralmente uma relação direta entre imagem e texto, pegamos o jornal do dia, olhamos primeiro a imagem, na sequência lemos o título e depois lemos o artigo, mas ao olharmos as imagens tentamos antever o texto que para nós estará diretamente ligado a ela. Os textos *d'A Lanterna* não tinham o propósito de explicar as imagens. Na análise de Elias Saliba sobre a utilização das imagens como recurso no processo de aprendizagem faz a seguinte observação:

(...) é desnecessário dizer que, tanto do ângulo da produção quanto do ângulo da difusão e da recepção, é preciso um esforço analítico no sentido de retirar a produção das imagens do terreno das evidências. Evitar tratá-las, por exemplo, e sem mais mediações, como documento históricos. A expressão, pelos equívocos que provoca, deve mesmo ser evitada. As imagens são estratégias para o conhecimento da realidade, mas não constituem sucedâneos para nenhum suporte escrito.²³

O caráter irônico das charges *d'A Lanterna*, que serviam ao propósito de satirizar a Igreja Católica, não tinha por intenção depreciar a Instituição, mas chamar a atenção, para as formas de atuação do clero junto à sociedade e o Estado, que percebiam na Igreja uma instituição política.²⁴

É certo que hoje se admiti que a imagem não ilustra e nem produz a realidade, ela a constrói a partir de uma linguagem pró-





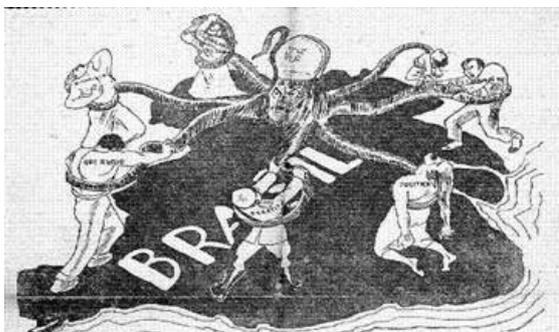
Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

pria que é produzida num dado contexto histórico.²⁵

A utilização das charges não foi uma criação dos irmãos Caruso, Henfil ou Glauco, nem tão pouco dos jornais anarquistas, a representação cômica da vida nacional não nasceu e nem se iniciou com a República, mas com ela, certamente adquiriu novas dimensões²⁶.

Há que se ressaltar, inicialmente, a partir da última década do século XIX, o significativo incremento da imprensa, mediante o aperfeiçoamento tecnológico das oficinas gráficas, que praticamente, acompanha a intensificação do crescimento urbano do país.²⁷

As charges, falando de um modo geral, são engraçadas, divertidas e estimula o riso, neste sentido as temáticas anticlericais d'*A Lanterna* agregavam leveza, e ao mesmo tempo chamavam a atenção tornando-se, provavelmente, um dos atrativos para sua aquisição.



A Lanterna, São Paulo, 15-06-1935, nº 397, p.1

As charges feitas para o jornal *A Lanterna* não são de chargistas consagrados da época, muitas são anônimas ou nem tem assinatura, assim como muitos artigos, mas esta observação não desqualifica a produção que com muita criatividade e pouca tecnologia servia como um meio alternativo e subversivo ao interesses hegemônicos do período.

Para além de certa vertigem populista a História Cultural procura hoje revisitar o lado mais fraco da produção da cultura: o da recepção anônima da cultura ordinária da criatividade ou passividade das pessoas comuns.²⁸

Pretendeu-se neste trabalho, ainda que em fase de pesquisa e aprofundamento das análises, revelar o lado alternativo do jornal *A Lanterna* sob à luz da Nova História, proporcionar uma visão que não teve como propósito polarizar elite e massa, mas dar voz ao espírito que animou e marcou as realizações e manifestações sociais e culturais de uma parcela da sociedade do período, e sua dedicação às causas que envolvia solidariedade pela liberdade de expressão.

Talvez amargurada com o elitismo de uma razão técnica da produção, mas, sobretudo, o da recepção cultural; procura investigar e desvelar sempre com dificuldades heurísticas – a esfera do consumo e da recepção como um conjunto de práticas que produzem sentido, e não apenas assimilam a cultura hegemônica. Afinal, por que, na cultura, a eficácia da produção teria que produzir necessariamente uma eficácia no consumo?²⁹





Cultura, Cidadania e Mídias Alternativas

As condições midiáticas do século XXI, graças à internet, abrem infinitas possibilidades de leituras do mundo, seja de ordem, econômica, política, social ou cultural, as novas searas relativizam, de certa forma, o poder da grande imprensa e os caminhos dos chamados alternativos. As polêmicas e concordâncias endógenas d'*A Lanterna*, podem até terem sido esquecidas ou remodeladas, mas, servem como exemplo de veículo de participação de grupos tão heterodoxos, que possam expressar opiniões contrárias às regras pré-estabelecidas.



Referências bibliográficas

AGUIAR, Flávio. *Imprensa Alternativa* in: MARTINS, Ana Luiza Martins; LUCA, Tânia Regina de Luca (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

AZEVEDO, Raquel de. *A Resistência Anarquista – Uma questão de identidade (1927 – 1937)*. Dissertação de Mestrado em História Social, São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1996, f. 231-232.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSOY, Boris. *A imprensa confiscada pelos Deops (1924-1954)*, São Paulo, Imprensa

oficial, 2003.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*, São Paulo: Edusp, 2003.

FERREIRA, Maria N. *A imprensa Operária no Brasil*. São Paulo: Vozes, 1978.

GUZZO, Maria Auxiliadora. *A vida fora das Fábricas-Cotidiano Operário em São Paulo (1920-1934)*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

KONDER, Leandro. *História das Idéias Socialistas no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

PRADO, Antonio Arnoni. *Imprensa, Cultura e Anarquismo* in: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

RAGO, Margareth. *Prefácio* in: PARRA, Lucia Silva. *Combates pela Liberdade: O movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945)*, s/d.

SALIBA, Elias Thomé. *A dimensão Cômica da Vida Privada na República* in: SEVCENKO, Nicolau (Org). *História da Vida Privada no Brasil*, v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Elias Tomé – Experiências e Representações Sociais: Reflexões sobre o uso e o consumo das imagens* in: BITTENCOURT, Circe. (Org.) *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 117-127.

SILVA, Rodrigo da Rosa. *Imprimindo a Resistência: A imprensa Anarquista e a Repressão Política em São Paulo (1930-1945)*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas, UNICAMP, 2005.





VERUCCI, Guido. *Anticlericalismo* in: BOBIO, Norberto (Org.). *Dicionário de Política*. Brasília. Brasília: Universidade de Brasília, 1986, p. 32-34.

Fontes adicionais

- Arquivo do Estado de São Paulo – Pron-tuários do DEOPS
- Jornal: *A Lanterna* 1933-1935 – CE-DEM – UNESP – SP

Notas

¹ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOS-SOY, Boris. *A imprensa confiscada pelos Deops (1924-1954)*, São Paulo, Imprensa oficial, 2003. p 74.

² *A Lanterna* 1933-1935- acervo do CE-DEM da UNESP – SP

³ FERREIRA, Maria N. *A imprensa Operária no Brasil*. São Paulo.Vozes. 1978. p. 111.

⁴ KONDER, Leandro. *História das Idéias Socialistas no Brasil*. São Paulo, Expressão Popular, 2003. p. 37

⁵ FERREIRA, Maria N. *A imprensa Operária no Brasil*. São Paulo.Vozes. 1978. p. 106.

⁶ Sobre as condições dos operários e o cotidiano fora das fábricas, na chamada República Velha, o livro da GUZZO, Maria Auxiliadora. *A vida fora das Fábricas-Cotidiano Operário em São Paulo(1920-1934)*. São Paulo, Paz e Terra, 1987. 135

p. Mestre em Historia pela PUC-SP, e que também serviu como referencia e inspiração para repensar as relações sociais dos nos anos vindouros da década de 30.

⁷ SILVA, Rodrigo da Rosa. *Imprimindo a Resistência: A imprensa Anarquista e a Repressão Política em São Paulo (1930-1945)*, 2005. Dissertação (Mestrado, UNICAMP),.

⁸ AGUIAR, Flávio. In: MARTINS. Ana Luiza Martins e LUCA. Tânia Regina de Luca (org). *História da Imprensa no Brasil*. Imprensa Alternativa: Opinião, Movimento e Em Tempo. São Paulo, Contexto, 2008. p. 236

⁹ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*, Edup. São Paulo 2003. p. 332.

¹⁰ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*, Edup. São Paulo 2003. p. 336-340.

¹¹ *A Lanterna*.,12-7-1934, nº 381

¹² Idem, p. 358.

¹³ Ibid. p. 359.

¹⁴ AZEVEDO, Raquel de. *A Resistência Anarquista – Uma questão de identidade (1927 – 1937)*. 1996. f. 231-232. Dissertação (Mestrado em História Social, sob a orientação da Profª Maria Luiza Tucci Carneiro) Departamento de História da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

¹⁵ *A Lanterna*, São Paulo, 13 de julho de 1934, nº 354, p.1.





- ¹⁶ VERUCCI, Guido. Anticlericalismo. In: BOBIO, Norberto (Org.). *Dicionário de Política. Brasília*. Universidade de Brasília. 1986. p. 32-4
- ¹⁷ RAGO, Margareth. Prefácio IN: PARRA, Lucia Silva. *Combates pela Liberdade: O movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945)* p.12
- ¹⁸ LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo-Roteiro da Libertação Social*. São Paulo. Achiamé. 2ed. s/ano.
- ¹⁹ PRADO, Antonio Arnoni. *Imprensa, Cultura e Anarquismo*. IN: MARTINS, Ana Luiza Martins e LUCA, Tânia Regina de Luca (org). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2008.
- ²⁰ A Lanterna, nº 381 - *O anticlericalismo na Argentina*, formado pela Associação Juvenil Libertária com sede na cidade de Buenos Aires promoveu uma enquete sobre Congresso Eucarístico Internacional. 12 -7-1934
- ²¹ AZEVEDO, Raquel de. *A Resistência Anarquista – Uma questão de identidade (1927 – 1937)*. 1996. f. 231-232. Dissertação (Mestrado em História Social) Departamento de História da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. p.162.
- ²² Neste caso o ataque ao Estado, não era ao governo de Getúlio Vargas, mas ao poder, controle social.
- ²³ SALIBA, Elias Tomé. Reflexões sobre o uso e o consumo das imagens. In: BITTENCOURT, Circe. (Org.) *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 117-127
- ²⁴ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris. *A imprensa confiscada pelos Deops (1924-1954)*, São Paulo, Imprensa oficial, 2003.
- ²⁵ Ibid. p. 119.
- ²⁶ Idem. SALIBA, Elias Thomé. A dimensão Cômica da Vida Privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (Org). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras. 1998. v. 3. 290-365.
- ²⁷ Ibid. p. 298.
- ²⁸ Ibidem. Reflexões sobre o uso e o consumo das imagens. In: BITTENCOURT, Circe. (Org.) *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 120.
- ²⁹ Ibid. p. 120

